

“ROSAS VIVAS”: SEUS MODOS DE PRODUÇÃO CULTURAL E DE SUBJETIVIDADES

José Luiz da Silva Lima (Pós Crítica/UNEB)²⁶

Resumo: Oriundas de várias comunidades rurais da região sisaleira, sertão da Bahia, e mobilizadas pelo movimento de ocupação e luta pela terra, contra os grandes latifundiários locais, o Grupo Rosas Vivas se constitui enquanto um movimento composto por colônias das mais variadas idades, residentes no Assentamento Rose, de Santa Luz-BA. São personagens femininas, agricultoras, que apresentam performances, enunciados e linguagens artístico-culturais que evidenciam uma potência criadora singular. Vozes femininas transgressoras que abrigam “escrevências e feitura” de poesias, letras de música, contos, artesanatos e culinária alternativa vem criando fissuras no pensamento patriarcal e no coronelismo ainda persistente na região e, por certo, estimulando e (re)agregando várias outras mulheres, e homens, para a “luta desarmada” contra os agenciamentos do poder hegemônico local. A intenção fundamental da pesquisa é investigar como esses modos de produção cultural, signos, linguagens, performances e subjetividades femininas estão criando fissuras nas formas hegemônicas de subjugação e dominação político/social e cultural destes sujeitos. Para isso, estamos nos ancorando em fundamentos dos estudos da literatura, da cultura popular, da antropologia, da psicanálise e, especialmente, da pós-crítica cultural, levando em conta uma perspectiva autobiográfica, os estudos de gênero, de subjetividades e de feminismos. Consideramos também a perspectiva da circulação e difusão em rede de comunicação social, web-rádio e audiovisual, do vasto acervo iconográfico e da produção artístico-cultural que este coletivo de mulheres está desenvolvendo. Essa produção vem sinalizando conquistas por parte destas militantes comunitárias, as quais tem possibilitado um outro modo de vida para várias mulheres, uma percepção de um outro eu, que se desenha como resistência às condições adversas a que estão expostas no seu habitat social e que tem se (re)configurado enquanto uma “máquina de guerra” no enfrentamento subalterno contra o patriarcado, “amordaçamento feminino”, e suas interseccionalidades.

Palavras-chave: Camponesas. Subjetividades. Resistências.

INTRODUÇÃO

“Quando eu cheguei no Rose; cheguei de pé no chão.

Pra falar com marajá, foi só de avião, foi só de avião.

Pra falar com marajá, foi só de avião” - Dona Maria Baia (IMAQ, 2010)

A composição “Pé no chão” de Maria José Dantas, dona Maria Baia, gravada no 1º CD do Rosas Vivas (IMAQ, 2010), descreve metaforicamente e nos induz em verso curto, cantando repetidamente como um mantra, a perceber formas de relação de poder que delimita fronteiras e papéis entre classes: dominante (latifundiário) e camponesa. O processo de ocupação do Assentamento do Rose se deu em um clima de tensionamentos e conflitos na luta do movimento de camponeses pela terra há 30 anos na zona rural de Santa Luz, semiárido da Bahia, configurando-se em: a “ocupação da ocupação” e a (re)conquista de um espaço e território público, de uma coletividade, que foi usurpado, ocupado, pelo privado.

Na letra de Baia, pode-se aludir um vínculo com relações verticalizadas de poder, donde o crítico cultural e pesquisador Osmar Moreira (2016) em seu livro “A luta desarmada dos subalternos”, afirma:

²⁶ Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – FTC / Feira de Santana-BA. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Endereço eletrônico: joseluizlima.imaq@gmail.com.

[...] sua forma de luta e seus modos de enunciação são singulares e respondem a uma dobra do poder, como acontecimento: confronta o chefe local, expõe representantes do sistema de poder (a cada instância que interpela e supera em sua vontade de justiça), mobiliza seus poucos recursos de camponeses pobres... [...] ativa sua sensibilidade e inteligência, à medida em que os desafios vão se colocando durante seu processo de luta e enfrentamento (SANTOS, 2016. p. 61).

O crime está exposto, denunciado metaforicamente, no qual a exploração está (in) contida nas poéticas, subjetividades e resistências femininas que denunciam correlações e convergências de forças subalternas que possibilitam um olhar pós-crítico que alinha uma perspectiva que discute a “ocupação da ocupação”, a (re)conquista de um espaço e território público, de uma coletividade, que foi usurpado pelo privado.

Percebe-se que a Cultura Popular está criando fissuras no pensamento patriarcal e no coronelismo ainda persistente na região e, por certo, estimulando e (re)agregando várias outras mulheres, e homens, para a “luta desarmada” contra os agenciamentos do poder hegemônico local.

Analisando o conjunto documental acervado do Grupo, como outros correlatos, percebe-se engendramentos da Cultura Popular que se apresenta enquanto um instrumento de enfrentamento, “máquina de guerra”, e um movimento político de resistência e de luta social contra o poder hegemônico constituído. Stuart Hall (1999) afirma que esse entendimento da dimensão de um fazer cultural engajando acontece quando percebemos como:

A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos e engajada; e também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência. É a esfera onde o socialismo ou uma cultura socialista — já formada — pode simplesmente ser “expressa” (HALL, 1999, p. 263).

Reconhecemos esse viés, mesmo que inconscientemente, no movimento cultural da Comunidade do Rose em geral e, as Rosas Vivas, apresentam-se enquanto uma expressão de gênero que ao mesmo tempo busca ocupar espaços de representatividade e potência no universo patriarcal bem como, alia-se ao conjunto geral de forças subalternas que lutam por seus direitos coletivos.

Diante destes fatores e complexidade, inquieta-me nesta pesquisa os muitos desafios que tenho que enfrentar pois, sendo um extensionista com mais de 20 anos de atuação em projetos sociocomunitários, deverei me distanciar desse olhar e práxis “apaixonada”, assumindo, o papel de pesquisador que deve manter um distanciamento instrumental, para desvelar o que está oculto e revelar as fissuras e problemas (in)contidos no objeto desta pesquisa.

De imediato surge uma questão-problema: como os modos de produção cultural e subjetividades destas mulheres do Rose vêm se configurando enquanto *potências femininas*, instrumentalizando conquistas e ações no enfrentamento e resistência feminina, agenciamentos e interposição política, frente às condições adversas, evidenciadas pelo patriarcado, “amordaçamento feminino”, e suas interseccionalidades?

A intenção é investigar como esses modos de produção cultural, signos, linguagens, performances e subjetividades femininas estão criando fissuras nas formas hegemônicas de subjugação e dominação político/social e cultural destes sujeitos.

AS ROSAS VIVAS

Criando em 2008, inspirado nas vivências do projeto Griôs Sisaleiros²⁷, o *Rosas Vivas* é formado por mulheres de diferentes gerações, agricultoras e filhas de colonos do Rose, unidas pela música e por laços afetivos explícitos: Maria José Dantas das Mercês; Joanita Ataildes das Mercês; Joana Maria Santiago dos Santos; Geonilda Faustina Santiago; Angelina Santiago; Ana Augusta de Lima; Miriam Ferreira das Mercês; Patrícia Santiago dos Santos; Iva Santiago de Jesus e Maria Rodrigues da Silva. O grupo selecionou e ensaiou um repertório de 15 composições, eleitas entre as mais de 100 compostas, e, entre os meses de setembro e outubro de 2010, entraram no Estúdio Livre do IMAQ Cabeça-de-frade para gravar seu 1º CD autoral: *Rosas Vivas: Grupo de Cantoria Popular de Mulheres da Comunidade Rose – Santaluz-Bahia*. (IMAQ, 2010)

A gravação do CD possibilitou ao grupo uma notabilidade, reconhecimento e validação extraordinária tanto do papel de protagonismo inovador destas mulheres como da própria Comunidade do Rose, que se enxergou representada por suas moradoras ilustres, que tem levado sua cantoria para várias localidades da região sisaleira. Esse movimento tem facilitado um reencontro intergeracional que, de forma articulada, buscam preservar e reforçar a sua historicidade; sua autoafirmação identitária; sua sobrevivência histórico-cultural em função de uma necessidade preservacionista de matrizes identitárias e do arcabouço sociocultural e político próprio.

Dentro do repertório musical do grupo há a evocação de um cotidiano presente-passado que está permeado de subjetividades e que adquirem forma, ganham vida, através do canto e suas formas performáticas agregadas que sugerem imagens de vivências permeadas de situações que podem ser adversas, cômicas, denunciadoras, opressivas e que inconscientemente podem estar sendo sublimadas²⁸ como mecanismo de defesa e adaptação aos conflitos e sofrimentos que, impostos por relações opressivas numa relação de patriarcado e/ou de sexismo, são capazes de se apresentar de forma velada ou explícitas.

²⁷ Projeto oriundo das incursões do Ponto de Cultura Expressões Sertanejas, gerido pelo IMAQ- Instituto Maria Quitéria de Feira de Santana-BA, e chancelados pelo Programa Cultura Viva do MinC – 2006-2011. O Griôs Sisaleiros apresenta-se como um movimento direcionado aos afazeres dos mestres de tradição oral da região de Santaluz: Site: www.imaq.org.br.

²⁸ Na psicologia e psicanálise, sublimação foi um termo introduzido por Sigmund Freud que designa um mecanismo de defesa do "eu", em que determinados impulsos inconscientes são integrados na personalidade e culminam em atitudes com valor social positivo. A sublimação é um processo em que a energia ou impulso sexual, ou seja, a energia da libido é direcionada para atividades aceitáveis.

Nestas poéticas e modos de produção literária camposino Augusto Boal (2009) no livro *Estética do Oprimido*, afirma que nenhuma estrutura de arte pode ser vazia e inocente pois, todas contém a visão de mundo de quem a produz e abriga sua ideologia; é um mecanismo que por vezes estabelece um diálogo antagônico onde todos podem se encontrar e buscar soluções individuais e coletivas; formas conscientes e inconscientes de opressão.

Na experiência do Rosas Vivas, protagonizada por mestras de tradição oral e “herdeiras” desta tradição, existem vários desdobramentos socioculturais e educacionais em que, os conteúdos dos “arquivos da memória coletiva” destas agricultoras, a cada dia são reelaborados e ganham novos contornos, significados e significantes. A expressão de linguagens e signos próprios e apropriados estabelecem formas performáticas que hoje são um referencial de legitimação identitária destas populações; populações essas que vêm produzindo e consumindo um material sociocultural em que o registro musical do Rosas Vivas é uma das possibilidades de linguagens e signos que retratam uma realidade e um modo de vida peculiar e que são ilustrados em linguagens e performances difusas. Segundo Osmar Moreira (2010):

Todo sujeito acontece na linguagem e com a linguagem. Acontecer na linguagem, enquanto sujeito, é se dar conta de que consumimos signos [...] Os signos que consumimos podem nos consumir ou serem re-elaborados e constituírem a performance de cada um enquanto criadores e/ou reprodutores de realidades (MOREIRA, 2010, p. 122-123).

Esse acontecer na e com a linguagem, sugerem também que por vezes, ou quase sempre, essas mulheres não têm a percepção de um “ser feminino autoral” que produz narrativas literárias, por estarem imersas em afazeres do cotidiano que as distanciam de um tempo para si, para subjetivar, produzir e performatizar suas experiências cotidianas em forma de músicas, contos, danças, etc.

Neste sentido, a pesquisadora Jailma Moreira (2015) nos fala da produção literária não canônica, da produção de escritoras subalternizadas e sobre isso, a partir de Virginia Woolf com seu livro *Um teto todo seu*, “afirma a necessidade de a mulher ter um espaço próprio para produzir, para escrever, e aponta a dificuldade de consegui-lo, diante das várias outras obrigações que lhe foram atribuídas e que a desvalorizam como produtora” (MOREIRA, 2015, apud WOOLF, 1985).

Também socializa uma experiência, descrita em um artigo seu, uma vivência junto a mulheres de Alagoinhas-BA e autoras negras, que foram foco de discussão no GT da Anpoll Mulher e Literatura, realizado no campus da UnB em 2011. Cita a fala de uma delas, a escritora Geni Guimarães, por exemplo, em situação de “menos valia” e em conflito na convivência doméstica com seu esposo repressor e censor. Nesse contexto, escrevia e negava-se enquanto produtora de textos. Moreira denuncia:

[...] a dificuldade da autopercepção da possibilidade de ser outra ou, no caso de Geni, de levar adiante essa percepção diferencial de si deriva da relação de forças entre o se ver e o ser visto. Ou seja, não foi à toa que mulheres introjetaram uma imagem de si como não-escritoras, visto que não foi esse o papel predestinado a elas. Pelo contrário, a cultura patriarcal e capitalista as destinou ao campo da reprodução, tornando cada vez mais invisível sua força produtiva, nos moldes de uma exploração, daí a dificuldade de esse sujeito feminino se conceber como produtor textual (MOREIRA, 2015).

O habitat cultural do patriarcado impõe a essas mulheres a falsa percepção que as colocam aquém das suas reais potências criadoras em que a forma de produzir literatura pode estar imersa em um sentimento de menos valia produtiva em relação ao que se apresenta enquanto produção “cultural cânone” — de consumo.

FALANDO DE METODOLOGIA

Para constructos metodológicos a pesquisa dispõe de um aparato documental abrigado no *IMAQ- Instituto Maria Quitéria*, envolvendo textos, testemunhos, revistas, gravações, reportagens, entrevistas etc., os quais estão disponibilizados para o estudo exploratório. Para subsidiar o arcabouço metodológico e da fundamentação teórica “tradicionalmente recomendada”, é minha intenção ter na produção dos autores proximais, professores e pesquisadores do Pós-Crítica e outros, o referencial diferenciado e qualificado para o consubstanciamento desta pesquisa.

Creio que a agência de pesquisa que nossos pós-críticos representam e falam aludem de um lugar que denota todo um engajamento político, uma visão problematizadora, crítica e libertária que são fatores evidentes na práxis profissional e na produção científica dos mesmos. Enfim, eles estão mais próximos da realidade a que estamos imersos e da qual estamos propondo e submetendo este projeto ao crivo avaliativo e refinamento contínuo. Com isso, não estou relevando a segundo plano autores ditos canônicos. Muito pelo contrário! É necessário mediar a revisão bibliográfica, explorando aspectos dialógicos trazidos por autores estudados tais como: Agamben; Deleuze; Derrida; Foucault; Freud; Jung; Guatarri, Lacan; Paul Zumthor; Silviano Santiago; Stuart Hall; Paul Zumthor; Virgínia Woolf dentre outros(as).

Ampliando a premissa metodológica Marconi e Lakatos enfatizam que:

O observador é necessariamente participante, não há como estudar a comunicação estando fora dela, como um objeto estranho, distante, em outro contexto de espaço e tempo. Por isso a área da comunicação é substancialmente diferente das outras áreas humanísticas, a linguística, a psicologia, as ciências humanas em geral (MARCONDES FILHO, 2008, p. 152).

Pretendo empreender esse estudo exploratório e de pesquisa participativa ampliando o acervo documental disponível complementando, com entrevistas semiestruturadas e questionários que darão subsídios para a fundamentação bibliográfica que possa ser consistente e elucidativa. Concernente a uma intenção que vá ao encontro dos pressupostos fundamentais do Pós-Crítica; que

possa dar legitimidade a essas “outras letras e literaturas”, desses ditos que alguns consideram uma “literatura menor” pertencente à “iletrados de menor valia”.

Alinho-me também à perspectiva da circulação e difusão em rede de comunicação social, web-rádio e audiovisual, o vasto acervo iconográfico e da produção artístico-cultural que este coletivo de mulheres está desenvolvendo.

FEMINISMOS E SUAS CONQUISTAS

Atualmente, o movimento destas mulheres do Rose tem despertado para o empoderamento e sinalizado conquistas por parte destas militantes comunitárias, as quais tem possibilitado um outro modo de vida para várias mulheres, uma percepção de um outro eu, que se desenha como resistência às condições adversas a que estão expostas no seu habitat social e que tem se (re)configurado enquanto uma “máquina de guerra” no enfrentamento subalterno contra o patriarcado, “amordaçamento feminino”, e suas interseccionalidades. Um fato que pode ilustrar e reforçar essa assertiva, está narrado por Dona Maria Baia quando pontua com orgulho que os homens vez por outra as acompanham, fazendo a parte instrumental (tocando pandeiros, violão e repliques) em suas apresentações “mundo a fora”.

Contudo, agora, elas já estão aprendendo a lidar com o instrumental: aprendendo a tocar pandeiro, repiques, violão etc. Na entrevista feita ano passado, isso fica claro quando Dona Maria Baia ratifica:

[...] tem Mirian que é do triângulo, que é uma das integrantes, também... já bate triângulo, tem Nilda que bate outro instrumento, o chocalho, tem duas mulheres que já batem os instrumentos. Mas a nossa, vontade é que nós mulheres passe a fazer tudo. Eu já bato pandeiro, tem uma irmã minha Joanita que já bate um pouquinho... Iva também bate. E acho que... penso assim, nós, nós, é... eu tenho vontade de nós ser como a Roda da Saia né? Você já viu aquele grupo Roda da saia? Então, nós mulheres canta, nós mulheres vamos ser as instrumentistas. (Baia, entrevista, 2017).

(IN)CONCLUSÕES

Para o momento, creio que esta pesquisa vai buscar subsídios para identificar e reconhecer como os modos de produção inscritos na Cultura Popular podem ser potencializados enquanto movimento e ação política contraposta à opressão social, subalterna, e subjugação e, também, quais as fissuras que as ações destas mulheres, e seus feminismos, têm evidenciado no que diz respeito ao papel da mulher na luta pela terra (movimento agrário) local, regional e nacional.

Informar das conquistas socioculturais implicará em descrever quais “armas” foram utilizadas pelas mesmas e quais outras podem ser utilizadas, agregadas às suas lutas bem como para mantê-las. Há o intuito de possibilitar aos laboratórios web-rádio e audiovisual, do Mestrado em Crítica

Cultural, que sejam fontes de pesquisas e de difusão do acervo iconográfico deste coletivo de mulheres, como resultado das interfaces construídas ao longo desta pesquisa.

Creio que esta pesquisa deva revelar “conteúdo ocultos” os quais terei o compromisso de investigar e apontar incongruências e desvelar o que está ocultado. Assim sendo, pretendo aprofundar minhas percepções sobre o que presumo ser “um pacto de silenciamento”, inconsciente, que pode estar provocando um mecanismo de defesa alienante contra uma percepção de identidade racial.

Em todo o percurso das minhas incursões com os meus sujeitos de pesquisa, quase nunca é tratada a questão do negro e a discriminação racial. Será isso um mecanismo de defesa ou uma distorção, alienação, quanto à percepção identitária e da autoimagem, já que a grande maioria deles são negros/negras? Vejo isso enquanto uma fissura, do movimento cultural a qual pretendo explorar e aprofundar nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

Projeto Griôs Sisaleiros. Feira de Santana-BA: IMAQ, 2007.

Revista Fuzuê. Ano II 2. ed. Feira de Santana-BA: IMAQ Edições, 2010.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BOAL, Augusto. *A Estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOGO, Ademar. *O MST e a cultura*. Campos Eliseos – SP: MST, 2009.

BORDIEU, Pierre. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*/Pierre Bordieu, Jean-Claude Chamboredom, Jean-Claude Passeron. Trad. Guilherme João F. Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

BUTLER, Judith E. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 1995.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

EAGLETON, Terry. *A ideia de Cultura*. Trad. Sofia Rodrigues. Lisboa: Rolo & Filhos Artes Gráficas, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

IMAQ. Instituto Maria Quitéria. CD Rosas Vivas: *Grupo de Cantoria Popular de Mulheres da Comunidade do Rose – Santaluz-BA*. Selo Cultural Cabeça-de-frade. IMAQ, 2010.

IMAQ. Instituto Maria Quitéria. Projeto Expressões Sertanejas. Feira de Santana-Ba., IMAQ, 2005.

- JUNG, C.G. *Psicologia do inconsciente*, São Paulo, Editora Vozes, 1984.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1991.
- MERCÊS, Maria José Dantas das (Dona Maria Baía). Cantora e compositora e integrante do grupo *Rosas Vivas*. Entrevista gravada em aparelho celular, modelo Motorola. Assentamento Rose. 2017.
- MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. *O artesanato de si: produções de escritoras subalternizadas em um contexto de políticas culturais*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008;
- SANTIAGO, Silvano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG 2008.
- SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SANTOS, Osmar Moreira dos. *Um Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: UNEB, Quarteto, 2010.
- SANTOS, Osmar Moreira dos. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.